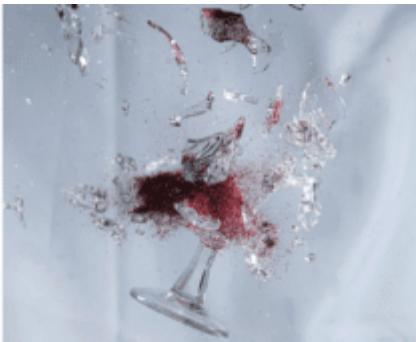


Escravidão na serra gaúcha



Por **EDSON BALESTRIN***

Hoje, os bisnetos dos imigrantes italianos vivem bem, mas muitos o fazem explorando os necessitados

Nós, nascidos, criados e moradores da região da serra gaúcha, precisamos parar, olhar para nossas origens e repensar o que somos, fazemos e queremos. Excetuando-se, por ora, o apagamento da trajetória indígena, nossa região está às portas de completar 150 anos por conta da chegada dos imigrantes italianos. E sejamos objetivos quanto a nossas bisavós.

Muitos de nós já tiveram a oportunidade de conhecer a casa natal dos antepassados, invariavelmente um casarão insalubre em que várias famílias dividiam áreas comuns nos poucos momentos em que não estavam trabalhando as terras de um senhor para receber a terça, e olhe lá. Analfabetos, mas sem culpa, pouco tinham como se defender num momento de intensa reorganização política, econômica e social pelo qual passava não só a Itália, mas praticamente toda Europa impactada pela segunda Revolução Industrial.

Alguns até puderam dar-se ao luxo de decidir pela migração à 'Mérica, mas muitos foram expulsos porque eram um peso para a nação que se estabelecia. Além de que há registros de que alguns foram expatriados por crimes cometidos. *Ma da romai i era tuti bona gente.*

Os italianos que foram para São Paulo substituíram a mão de obra dos escravos negros quase nas mesmas horrendas condições, enquanto que os italianos chegados ao Rio Grande do Sul tiveram a sorte de poder fazer a própria sorte. Mas isso significava derrubar uma floresta, enfrentar animais, epidemias, entre mil outros medos. Com muito *sparagnar* e outro tanto de desprezo pela educação, aos poucos o capital se acumulou, bem como a discriminação, o racismo, a xenofobia. A região tornou-se uma potência de riqueza e de falso moralismo.

A soberba de uma superioridade étnica e moral deslumbra os bisnetos. O que não falta é gringo enaltecedendo-se pela narrativa da superação dos bisavôs. Poucos destes cidadãos de bem se interessam em pesquisar que o *bisnonno* teve que detonar os pulmões trabalhando em mina de carvão por uns trocados que permitissem iniciar uma lavoura na colônia, que o *nonno* teve que ser agregado pela terça na colônia alemã para pagar as contas, que o outro *nonno* implorou para pode ajudar na instalação da ferrovia em troca de uns pilinhas que dessem um pouco de segurança além do cotidiano escambo.

Mas aqueles que conhecem a história além do estereótipo sabem transpor o entendimento das condições precárias passadas para um exercício de empatia por quem vive a mesma situação contemporaneamente - e com a acréscimo de choques elétricos e spray de pimenta em caso de atrito. E há quem ache ruim que não varriam o alojamento e buscavam alívio na bebida.

Hoje, os bisnetos dos imigrantes italianos vivem bem, mas muitos o fazem explorando os necessitados tal qual um dia aconteceu com os próprios *bisnonnos*. Arrotam polifenóis dizendo que política assistencial é para vagabundo, quando na verdade só estão aqui porque os *bisnonnos* sem-terra tiveram auxílio do governo - e muito -, seja para obter um lote, para

a terra é redonda

adquirir ferramentas, para ter direito a parcelamentos e até anistias.

Decantam notas cítricas para dizer que baiano por aqui não serve, como se há 150 anos não tivessem sido nossos *bisnonhos* que se submeteram a condições brutais em razão da sobrevivência tal qual fazem agora os baianos, tal qual fizeram os do oeste catarinense, os da fronteira sul, todos que vêm para cá, porque é sempre o pobre que se submete, é sempre o pobre que não tem escolha e precisa se submeter ao gringo que olha de cima para baixo, os pobres que são pessoas cheias de incertezas, que apostam tudo para recomeçar a vida, abandonando familiares e partindo para um lugar distante, desconhecido, inóspito.

Uma comunidade com a história de precariedade como a nossa votar em política de opressão, apontar dedo, julgar sem provas, rechaçar quem pensa diferente e humilhar quem depende de auxílio só pode colher prejuízo. E o prejuízo desse preconceito exacerbado virá, na dificuldade em vender nosso vinho, no desaparecimento de turistas. Já somos manchete na *Folha de S. Paulo*, recebemos intermináveis minutos de destaque no *Jornal Nacional*, temos abaixo-assinados e notas de repúdio provenientes de todo o país.

Caso a Serra Gaúcha não consiga compreender o próprio passado de dificuldade e reverter isso numa cultura de respeito para com o outro, caso não reflita sobre a imagem que está consolidando perante o Brasil, o dano vem. E vai faltar vinho para afogar as mágoas.

***Édson Balestrin** é juiz aposentado.

O site A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[**Clique aqui e veja como**](#)